

Texto: Osmar Domaneschi

Sônia G.B.C. Lopes

Ilustração: Rolf Karl-Heinz Grantsau

A família Melongenidae Gill, 1867 reúne um pequeno número de espécies de gastrópodos agrupadas em poucos gêneros tais como: Volema Röding, 1798, Busycon Röding, 1798, Syrinx Röding, 1798, Melongena Schumacher, 1817 e Pugilina Schumacher, 1817. As espécies estão amplamente distribuídas nos mares tropicais e temperados onde vivem na região entremarés de baías e estuários de substratos arenosos e lodosos. São predadoras de outros moluscos, podendo, ocasionalmente, ingerir restos de animais mortos. Nas áreas empregadas para a criação de ostras e mexilhões, as populações de Melongena, Busycon, podem ser muito numerosas e constituir uma séria ameaça ao sucesso do empreendimento.

Os bivalves são as presas preferidas de certos melongenídeos. Certas espécies cujas valvas não se tocam completamente quando fechadas, como Tagelus, Atrina, são as vítimas principais; a descontinuidade entre as valvas da concha facilita a introdução da probóscide do predador e este devora a presa viva. Bivalves com concha forte e que fecham completamente as valvas são menos ameaçadas, mas nem por isso estão livres do ataque desses carnívoros: Busycon por exemplo é atraído pela corrente exalante emitida pelo bivalve que dessa forma localiza até mesmo aquele que se enterra profundamente; o predador agarra a vítima firmemente com o pé e pressiona o lábio externo de sua concha contra a margem ventral da concha da presa, repetidas vezes, tentando abri-la ou quebrar-lhe partes por onde possa introduzir sua probóscide.

Alguns melongenídeos demonstram um comportamento de cooperação quando vários indivíduos se alimentam de um único bivalve capturado por um dos elementos do grupo; esse padrão de comportamento acelera o relaxamento final da musculatura adutora da presa, reduzindo a pressão sobre as probóscides e o risco de mutilação destas.

O maior univalve vivente no mundo, Syrinx aruanus Linné, 1758, do Indo-Pacífico e Norte da Austrália, com 70cm de com -

primento, pertence a esta família. Sua carne serve de alimento aos nativos enquanto a concha, de textura e cor porcelanácea, é empregada na confecção de objetos de uso pessoal, no transporte de água para fins domésticos e mesmo em rituais religiosos de algumas tribos.

A concha dos Melongenidae tem formato variando de piriforme a fusiforme, com abertura ovalada e columela lisa; as voltas têm ombro freqüentemente noduloso ou espinhoso e estão unidas por uma sutura profunda, bem evidente. O opérculo é córneo, espesso, em forma de garra, com núcleo apical.

Certos gêneros possuem espécies politípicas, o que dificulta a ordenação sistemática do grupo. Melongena corona Gmelin, 1791, por exemplo, pode apresentar duas populações vivendo a curta distância uma da outra, uma reunindo indivíduos com características da concha muito homogêneas, a outra com características muito variáveis. Essas formas politípicas são agrupadas em subespécies (corona corona, c. altispira, c. johnstonei), compondo o chamado complexo M. corona.

A manutenção dessas diferenças interpopulacionais parece estar ligada ao pequeno poder de dispersão do estágio larval das espécies politípicas. Os melongenídeos depositam seus ovos em cápsulas comprimidas, unidas lado a lado pela base. Da cápsula de algumas espécies eclodem larvas no estágio de véliger livre-natante, enquanto daquela das espécies politípicas são liberados jovens imaturos rastejadores. Estes últimos têm capacidade limitada de dispersão e só ocasionalmente, por transporte mecânico através de folhas de mangue flutuantes ou detritos, podem alcançar outras populações da espécie. Estas ocorrências embora certas, parecem pouco comuns e como consequência o fluxo gênico entre populações é provavelmente limitado.

#### MELONGENÍDEOS BRASILEIROS

Pugilina morio (Linné, 1758), espécie estuarina e predadora de bivalves, é o único melongenídeo registrado para o litoral brasileiro, sendo conhecida no nordeste pelo nome popular de "incha-velho". Em alguns locais de ocorrência no Brasil a espécie apresenta populações densas, possibilitando sua exploração como recurso alimentar. Um certo grau de dimorfismo sexual é evidenciado pelas características da concha: nodulosa e larga na fêmea, lisa e alongada no macho. A anatomia da espé



Rolf Franzen



cie é pouco conhecida e se encontra em fase de estudo por mala<sub>co</sub>logos brasileiros.

Gênero Pugilina Schumacher, 1817

Concha com até 17,8 cm de comprimento, sólida, fusiforme; superfície externa lisa a fortemente nodulosa; escultura espiral variável, consistindo de cordões finos ou sulcos, nume<sub>ros</sub> e bem evidentes; lábio externo finamente crenulado. Peri<sub>o</sub>straco espesso, de cor marrom-escura.

Pugilina morio (Linné, 1758 (Figura 1)

Distribuição: Atlântico Leste: do Cabo Branco até o sul de Angola; Atlântico Oeste: Ilha Martinica, I. Trindade, Venezuela até Santa Catarina (Brasil).

BRASIL: Pará até Santa Catarina

Habitat : estuários de rios, em substratos lodosos ou areno-lodosos.

Caracterís- : concha com até 17,8 cm de comprimento, coberta  
ticas por peri<sub>o</sub>straco espesso, áspero e descíduo; espi<sub>ra</sub> alta, com ângulo de 55°; superfície externa com numerosos cordões espirais pouco desenvolvidos, ombro quase liso ou com espinhos fortes e rombos; coloração marrom-escura, interrompida por uma ou mais faixas espirais estreitas, amarelas, localizadas abaixo do ombro. Abertura estreita, subquadrada e alongada em um amplo canal sifonal. Columela de cor marrom-vítrea, ocasionalmente mais clara na porção inferior.

#### BIBLIOGRAFIA:

A bibliografia consultada foi: ABBOTT, R.T. 1974; ALLAN, J. 1959; KILBUR, R. & E. RIPPEY, 1982; HYMAN, L.H. 1967; PURCHON, R.D. 1968; RIOS, E.C. 1985, já citada em encartes de Informativos anteriores, e:

CLENCH, W.J. & R. D. TURNER, 1956. The family Melongenidae in the Western Atlantic. Johnsonia, 3 (35):161-188.

MATTHEWS-CASCON, H., L. F. BELUCIO & H.R. MATTHEWS, 1987. Notas sobre a anatomia, sistemática e biologia de Pugilina morio (Linné, 1758) (Mollusca:Gastropoda). Resumos do XIV Congresso Brasileiro de Zoologia, Juiz de Fora, MG.:17.